

REESCRITA DE SI FACE AO INQUIETANTE: O DUPLO COMO SINTOMA ATRAVÉS DO DESEJO EM A ALMA TROCADA, DE ROSA LOBATO DE FARIA

REWRITING OF THE SELF IN VIEW OF THE UNCANNY: THE DOUBLE AS A SYMPTON THROUG DESIRE IN ROSA LOBATO DE FARIA'S A ALMA TROCADA

Eider Madeiros¹

RESUMO: No enfrentamento à afirmação erótica de seu desejo homossexual, tanto íntimo quanto social, Teófilo, personagem central do romance *A alma trocada*, expressa reflexões que vão desde dualidades metafísicas que justificassem a gênese de seu ser interior, passando por monólogos que tentam solucionar um suposto *self* dual que lhe é inescapável, nas tensões entre alteridade e identidade, até lidar com a persistência dos padrões duplos na tradição familiar que lhe força a laços conjugais heteronormativos. Partindo das contribuições psicanalíticas de Rank (2013 [1914]) e Freud (1996 [1919]) que articulam os conceitos de duplo e de inquietante, nossa leitura se dedica a pensar sentidos outros ao desejo, a partir da presença de um sintomático intruso na trama e diante dos vestígios que o protagonista lança em sua trajetória de redescoberta de si.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Homoerotismo. Psicanálise. *Der Doppelgänger*. *Das Unheimliche*.

ABSTRACT: By confronting the erotic affirmation of his own homosexual desire, both intimately and socially, Teófilo, the main character of *A alma trocada* [*The shifted soul*], expresses thoughts ranging from metaphysical dualities that would justify the genesis of his inner being, also through monologues that try to solve a supposed dual *self* from which he can't escape, in his struggles between alterity and identity, until duties before the persistence of double standards in his family tradition which, by the way, forces him to heteronormative conjugal ties. From the standpoint of psychoanalytical contributions of Rank (2013 [1914]) and Freud (1996 [1919]) that articulate the concepts of the double and the uncanny, our reading looks forward to thinking other senses to desire, from the presence of a symptomatic intruder in the plot and in front of the vestiges that the protagonist leaves in his trajectory of self rediscovery.

Keywords: Portuguese literature. Homoerotic. Psychoanalysis. *Der Doppelgänger*. *Das Unheimliche*.

Submetido em: 15 out. 2018
Aprovado em: 21 dez. 2018

¹ Mestrando em Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB, PPGL). Colaborador em Projeto de Pesquisa do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC-UFPB, CNPq). E-mail: eidermadeiros@gmail.com

INTRODUÇÃO¹

É a alma, portanto, que nos recomenda conhecer quem nos apresenta o preceito: Conhece-te a ti mesmo.

(Platão)²

A verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz de verdade. Acho que esta é a fórmula mais simples porém mais fundamental para definir a espiritualidade. Isto acarreta, como consequência, que deste ponto de vista não pode haver verdade sem uma conversão ou sem uma transformação do sujeito. [...] [É] a verdade que ilumina o sujeito, a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade de alma.

(Foucault)³

Pensar a escrita de si em literatura é pressupor um valor indiscutível ao diálogo, e à abertura a este, na tarefa de compreender a primazia da subjetividade e o dinamismo das relações humanas, quando expostas através da palavra traçada em escritos. É também perceber que os limites da realidade e da ficção são sempre e constantemente esmaecidos, possibilitando à literatura horizontes desafiadores ao estabelecimento de suas próprias fronteiras.

Podemos considerar, entre tantos, a narrativa do trauma, a autoficção testemunhal da barbárie e a incursão pelos recônditos das árduas experiências da vida, da memória e dos desejos, como exemplos de literaturas que ao mergulharem no si, revelam um *ethos* que busca cuidar desse si mesmo, reconhecendo a profundidade dos motivos que o impulsionam à criatividade da linguagem e promovendo um autoconhecimento que, junto à existência, é uma prática, um cuidado, e também uma estética.

A alma do autor, ao mesmo tempo que se impregna em seus próprios relatos, pode também se evadir da tarefa de denunciar suas imperfeições, transferindo ao outro da leitura a responsabilidade de compartilhar e entender o desafio de mostrar-se como verdadeiramente é. Em *A alma trocada*, a trajetória do protagonista Teófilo joga com essa dualidade metafísica, apresentando nas suas reminiscências tanto a escrita de si (*ética*) como o ofício de escritor (*estética*), sendo ambos dotados de experiências de doação, envolvimento e potencial sublimação da verdade, por sua vez, aventura ímpar de cada sujeito no mundo.

¹ Uma outra versão resumida do presente trabalho foi submetida para apresentação oral no IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – CINABEH, em Fortaleza-CE.

² PLATÃO. *Fedro, Cartas, O primeiro Alcibiades*. Belém: EdUFPA, 2007. p. 279.

³ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 20-21.

Entretanto, esse percurso não ocorre de maneira pacífica e termina por operar uma infinidade de experiências caracterizadas por tensionamentos comumente indecifráveis à primeira vista.

A dúvida e a reação perante o inquietante desconhecido podem vir a se materializar momentos antes de toda e qualquer síntese, produto dessa relação dialética entre o geral e o particular dos mundos que coabitam a vida e a verdade de cada um, por sua vez, inserida no mundo dos vivos. Entre a afirmação e a confirmação de si, dispositivos de ordem psíquica podem tanto se manifestar somaticamente pelo corpo, como incorporarem-se na feitura de outras soluções, estas já possíveis de ser experimentadas como resultantes do artífice que o humano se torna juntamente à arte; seja ela sublimação, seja modo de existência, seja sintoma.

Nesse pequeno lugar em que a soberania do si se certifica, a literatura surge como autorreflexo da fuga à solidão, trazendo a inquietude do contato com o outro e a virtualidade do duplo na ausência de um outro que urge presença como aberturas para a escrita.

Em *A alma trocada*, nos deparamos com tais questões, interpostas pela autoria em terceira potência (Rosa Lobato de Faria escrevendo sobre Teófilo que também escreve porquanto se inscreve), e nos colocamos, por meio da ficção, no intermédio dessa ontologia de busca e encontro com o eu particular.

Complexificada que se torna a narrativa, pela presença bifurcante da erótica da homossexualidade masculina, empreendemos uma leitura embasada em algumas contribuições da Psicanálise e da Teoria Literária que articulam os conceitos de inquietante e de duplo, com o propósito de se dedicar a pensar sentidos outros ao desejo, a partir da presença de um sintomático intruso na trama e diante dos vestígios que o protagonista lança em sua trajetória de re-descoberta de si.

Nas palavras da própria autora da obra em análise, a homossexualidade masculina é um “tema corrente⁴”, que ao não se esgotar, pode capturar, com as distinções que lhe cabem, um retrato das diversas formas de autoconhecimento.

O presente ensaio faz uso, assim, de uma metodologia de fluxo contínuo, buscando abordar as duas vertentes de análise sobre o si em paralelo com o campo de saber literário, e visando atrelar um diálogo entre literatura e realidade que reforce nosso pensar de que, desde aqui mesmo, a reflexão sobre a arte se exemplifica em como o objeto literário pode ser ponto de partida do gozo e espaço de desejos até para nós mesmos, analistas.

⁴ Expressão da própria autora. Cf. PORTAL da Literatura. *Folheando com... Rosa Lobato de Faria*. 30 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=15#ixzz1j8cVe1A7>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

1 RE-ESCRITA DE SI E AUTONOMIA ERÓTICA

O caminho percorrido por Teófilo apresenta trilhas substancialmente representativas das inquietações de uma existência homossexual masculina contemporânea. Existência dada a si ainda nos tempos da infância, o protagonista se depara com as aflições que constituem, de maneira quase unânime, as passagens comuns pelo mundo do desejo sexual, as quais se atrelam de imediato aos dispositivos ideológicos do senso comum, do dogma espiritual e da normalidade sobre os prazeres.

Seus primeiros esboços se registram na premissa de que, concebido exatamente enquanto seu avô materno transcendia para o além, sua existência estaria atrelada a um infortúnio teologônico de troca de almas. Esse desencontro de si próprio motivaria saudades de seu eu mesmo, pensamentos vazios, a desoras para sua incompletude. Tal vacância ou torpor na alma seria o amálgama para suas fraquezas e covardias (*causa*), ainda que também magnetismo para as singularidades de sua personalidade litigável (*efeito*). Um desses consequentes pormenores de sua alma dual se encontra na experiência de descoberta erótica vivida ainda na infância com Tinito, personagem que é reduto e contradição dos questionamentos protagonizados pelo sentido do amor e do desejo.

Não sabendo responder a si mesmo qual sequência de fatos ou ideias precederam umas às outras, nem cogitando trazer ao plano do concreto a responsabilidade para com elas, uma vez que não sabe nem se está na/com a alma certa, Teófilo se esquiva da realidade imperfeita que lhe foi reservada, mergulhando em seu eu incerto e construindo uma narrativa de memórias e rumações, que ilustram de maneira satisfatória o quanto o erotismo e a sexualidade se tornam centrais no questionamento e na metamorfose de si.

Adiante, surge a tessitura de um livro autorreferencial intitulado “O traficante de almas” que parece ter sido plagiado por um duplo, a metade desconhecida de si, uma alma encarnada que pode ser a versão ou a parte original da sua alma primeira, *self*, o outro possível do encontro e do fim de suas aflições. Além disso, Teófilo amplia seu leque de conflitos no enfrentamento social de ter se livrar das amarras de um projeto de vida tradicional, heteronormatizado e bastante familiar e moralista. Em última instância, enquanto se esquiva de si e de sua realidade imperfeita, o protagonista se vê diante de mais um paradoxo íntimo – seus pais querem impô-lo um casamento sem afeto, mas aparentemente perfeito –, em que a coragem e a covardia para romper laços e enfrentar as consequências de suas ações são postas em xeque no jogo de se equilibrar a construção de sua própria verdade.

Diante do exposto, o encerramento dessas intermitências na psique de Teófilo se torna uma motivação satisfatória acerca da autonomia erótica em contraste com a autonomia espiritual, e da decorrente junção dessas duas possibilidades como reflexo de paradigmas e marcos bem evidentes da contemporaneidade do erótico, da psicanálise e da fruição poética mediada pela ficção, ao mesmo tempo em que esta mesma se amarra à constância de temáticas da realidade, revisitando-as e proporcionando-as novos olhares.

Conceitualmente, toma-se de empréstimo a compreensão de “autonomia erótica” de Sousa Filho (2014), o qual pontua:

As explicações aceitáveis sobre o que é homossexualidade terminam restabelecendo-a como anormal, incompreensível, e algo a ser visto como um infortúnio no caminho de gays, lésbicas e pessoas transgênero: um infortúnio genético, fisiológico e psicológico [fatalista]; nunca oriundo de cada liberdade de desejo, liberdade de escolha e *autonomia erótica*. Ser um homossexual ainda é uma situação que inspira preocupação ou cuidado, algo incerto quanto a sua existência, precisão e legitimidade. (SOUSA FILHO, 2014, p. 40-41, grifos nossos, tradução nossa)⁵.

Nesse sentido, destaca-se um trecho da obra que sintetiza oportunamente um ponto-chave da narrativa de *A alma trocada* consoante com nossos apontamentos. Enquanto corrobora sozinho determinada reflexão sobre sua personalidade, Teófilo medita, fazendo referência a seu namorado:

Como diz Hugo, não podemos passar a vida a ser quem não somos e, nessa tentativa, confundirmos as coisas. Quem sou eu afinal? Por que é que sou tão infeliz? Hoje em dia todos sabem que se nasce homossexual como se nasce canhoto. *Não é uma escolha*. É até um lugar dizer-se que, se fosse, *ninguém escolheria o caminho mais difícil*. (LOBATO DE FARIA, 2007, p. 26, grifos nossos).

Com efeito, a elucubração de Teófilo apresenta transparentemente o debate da liberdade como algo determinante para o alcance da felicidade, sobremaneira quando isto depende única e exclusivamente da escolha possível e lógica de cada indivíduo em oposição ao que faz sofrer.

Todavia, essa coexistência, entre liberdade de escolha e felicidade naturalizada pela nulidade do sofrimento, mostra a face oculta dos meios pelos quais tramita a compreensão

⁵ “The acceptable explanations on what is homosexuality end up resituating it as abnormal, incomprehensible, and something to be seen as a mishap on the way of gays, lesbians and transgender people: a genetic, physiological and psychological mishap; never coming from one’s freedom of desire, freedom of choice and erotic autonomy. Being a homosexual is still a situation that inspires concern or caution, something of which the existence, accuracy and legitimacy is uncertain.”

psicossocial do que é viver. Pela ótica do cuidado de si, o trabalho sobre si mesmo, sobretudo naquilo que implica a homossexualidade, é um exercício filosófico e um processo de via dupla entre o sujeito e o outro, como afirma Foucault (2004) através das artes da existência.

Estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmo regras de conduta, como também buscam transformar-se. Modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra. (FOUCAULT, 2004, p. 198-199).

Ainda nesta crítica à procedência imutável da condição sexual, postula Ferrari (2005, p. 187) que “para que o homossexual e a homossexualidade existam é necessário dizer o que é ser homossexual, de forma que esses discursos produzam sua natureza”.

Em aparte a essa abordagem em defesa de cada sujeito na elaboração de si, o caráter de *Bildungsroman* que Lobato de Faria (2007) concede à narrativa, a torna menos superficial ao plano da crítica discursiva na medida em que percorre a metafísica do que constitui Teófilo, além e aquém de sua homossexualidade. O protagonista pode se valer dessa constituição imutável e facilitada dos caminhos naturais da homossexualidade em inicial negação ao embate discursivo que os produzem, mas não deixa de ponderar tal valia à persistência do medo, da incerteza e da sabotagem na sua autodescoberta, intrínsecas ao que une de idiossincrático a psicanálise e a literatura face ao desconhecido.

Era como se, aos poucos, fosse descobrindo em mim uma verdade desconhecida e o mundo que até ali me fora tão limitado fosse agora todo meu [...]

Abraçou-me e, como sempre, eu senti-me bem naquele abraço protector que, acima de tudo, me protege de mim [...]

Ninguém deve querer ser diferente do que é, mas apenas desenvolver as suas qualidades e vencer os seus defeitos. E glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. (LOBATO DE FARIA, 2007, p. 47; 96; 102).

Desses excertos, é possível apreender que não há uma abnegação da sorte de viver, mas uma inconstância de humores e referenciais – mais definidoras da própria dinâmica da subjetividade, impossível!

Ao introduzir um histórico da perversão na literatura erótica, Roudinesco (2009) ensina bem acerca da permanência desses elementos axiológicos, dessa primazia da subjetividade como algo que só se cristaliza nela mesma mediante às inconstâncias de um desvio que se faz presente, ainda que devesse ser ausente, enquanto facilitação. Isso se

manifesta, em especial, quando tomamos como gênese moral o sagrado e o profano na espiritualidade cristã a qual Teófilo faz alusão e se apresenta imerso, dentro das relações de força que constituem o tempo das narrativas obscuras de nós mesmos.

Apesar de vivermos em um mundo em que a ciência tomou o lugar da autoridade divina, quer o corpo da alma, e quer o desvio do pecado, a perversão é ainda, gostemos ou não, sinônimo da perversidade. E qual seja a forma que tomou ou qual seja a metamorfose que sofreu, ela ainda é relacionada, como sempre foi, com uma espécie de imagem negativa de liberdade: aniquilação, desumanização, ódio, destruição, dominação, crueldade e *gozo* (ROUDINESCO, 2009, p. 4, grifo da autora, tradução nossa)⁶.

Compreendendo já a pertença de *A alma trocada* como literatura de romance erótico e unindo a esse cenário a instabilidade produtiva da ficção, pode-se inferir a criatividade do romance como representação da realidade, valorando-o também, a partir da visão integralista de Mignolo (2003, p. 305) “como produção de conhecimento teórico; não como [apenas] ‘representação de algo’, [de] sociedades, [de] ideias, mas como reflexão à sua própria moda sobre os problemas de interesse humano”.

Com essa prerrogativa, cabe destacar que a estrutura de *A alma trocada* contém três momentos de divisão que são a subsunção de fases bem marcadas, tais sejam: o árduo autoconhecimento, a experiência de quase-morte e a superação das inseguranças de Teófilo sobre si. Não pretendemos adentrar tais fases de maneira aprofundada, mas inferimos que esse conjunto de etapas oferece primeiramente uma exemplificação narrativa sobre a autonomia erótica e a liberdade de escolha na sexualidade (SOUSA FILHO, 2009, 2014), inseridas em um contexto de desencontro e conflito intrapessoal, e secundamente o debate sobre os dispositivos da heteronormatividade conjugal, os princípios de moralidade e a performatividade de gênero (BUTLER, 1990, 2004).

Em seguida, intermediamente, o romance envolve o leitor, entrementes o próprio narrador-protagonista, na reflexão sobre o cuidado de si (FOUCAULT, 2004), sobre a subjetividade e sobre a existência homossexual (RICH, 2010), os quais são transversais aos jogos de poder que se estabelecem na parceria afetivo-sexual e na descoberta e construção dos prazeres, mesmo que tidos como pecaminosos ou pervertidos (FOUCAULT, 1984, 1985).

⁶ “Although we live in a world in which science has taken the place of divine authority, the body that of the soul, and deviancy that of sin, perversion is still, whether we like it or not, synonymous with perversity. And whatever form it takes and whatever metamorphoses it has undergone, it still relates, as it always has done, to a sort of negative image of freedom: annihilation, dehumanization, hatred, destruction, domination, cruelty and *jouissance*.”

Pela derrocada da morte e sua proximidade imprevisível, e, portanto, da consequente sensação de finitude, Teófilo se vê na urgência de autoproclamar-se, de celebrar a amizade como modo de vida (FOUCAULT, 2010, 2011), de encontrar a redenção de si mesmo, seu *eros* e sua verdade, de vasculhar seu interior no intuito de resgatar, por conta própria, a tal alma esfarrapada, transpondo suas inquietações através de um equilíbrio, ainda que tácito, entre ser autor de si, e ser livre por meio da experimentação de todo o seu potencial erótico, já melhor delineado ao lado de sua espiritualidade menos onipotente.

2 O INQUIETANTE DUPLO ENQUANTO SINTOMA DO DESEJO

Para além dessa perspectiva estruturada pelas vias do psicossocial, fomos capazes de notar, também, que o inconsciente demonstrava sinais patentes na maneira pela qual Teófilo protagoniza suas angústias. Lidar com o desconhecido, é lidar com o dual – e na Psicanálise esses elementos são constitutivos da nossa psiquê desde nosso contato primal com o outro, com o espelho e com os nossos sonhos.

Não por menos, é nas sombras de *O homem de areia*, de Hoffmann, que Freud ressoa, além de muitos outros, suas teorizações sobre o inconsciente, e mais especialmente sobre *Das Unheimliche*. Este termo, para Freud, e de variada tradução para o português, foi tomado por “estranho”, por “inquietante estranheza” e por “infamiliar”⁷, e busca, em poucas palavras, significar em uma palavra-conceito aquilo que está no interior do que angustia e amedronta (FREUD, 1996 [1919]).

Ao lado disso, para ilustrar *Der Doppelgänger*, ou “o duplo”, não temos apenas o mesmo Hoffmann em *Os elixires do diabo*, tido por Rank (2013 [1914], p. 7) como o “criador clássico do duplo”, mas Dostoiévski, com *O duplo*, Gógol, com *O retrato*, Calvino, com *O visconde partido ao meio*, Saramago, com *O homem duplicado*, Wilde, com *O retrato de Dorian Gray*, entre tantos outros. Nesses exemplos da literatura, o duplo assume diversas facetas, como a do sócia, a do gêmeo, a da personalidade bipolar, e da sombra.

Esses dois conceitos se amarram na narrativa de Teófilo, produzindo, em termos psicanalíticos, um sintoma. Se valendo disso, é ao se debruçar de forma mais analítica neste romance, que notamos, além do que já lemos previamente, a presença de “problemas de interesse humano” bastante contemporâneos na escrita de si de Teófilo e nas suas relações

⁷ Respectivamente, tais escolhas se referem às traduções da obra freudiana no Brasil pelas Editoras Imago, Companhia das Letras e Autêntica, esta última ainda no prelo.

interpessoais, seja mediante a diversidade de posicionamentos que ele transgride, com a lógica noção do duplo que lhe é estranho (FREUD, 1996 [1919]), seja ao mesmo tempo em que se subjugua, com sua crença transcendente em formas inteligíveis.

Apesar da conotação patológica que o duplo assume no trabalho freudiano, a possibilidade de haver um argumento interpretável à luz da psicanálise, que não apenas o da transcendência divina, sobretudo pela maneira instável, ainda que consistente, com que a voz narrativa lida com a razão e o absurdo de suas próprias deduções, torna possível compreender que a alusão de traços de insanidade em si, como a noção do duplo, significa uma ruptura distanciada de seus próprios comportamentos e uma chance de interpretação menos sentimental de seus traumas.

Isso, pois, no que carrega de patológico o *pathos* ingênuo de Teófilo em não ter forças para se deparar com a realidade de um possível plágio ou roubo ao seu manuscrito, mas preferir aludir ao refúgio de sua própria inquietude junto à dualidade autoinflingida aos recônditos de sua alma, mostra uma solução tal que se organiza relativamente doentia, contudo, evidentemente inescapável ao seu próprio deciframento de si.

É por conta dessa angústia persistente, e alheia a outras “soluções”, que consideramos empatia para com o protagonista, desde que ele se mantém ancorado nos sacrilégios patéticos de sua ideia de “alma trocada”.

Sim, esta é a primeira ideia apaziguadora que me ocorreu em toda a noite, tenho que me organizar para pensar nisto com calma, o Basílio Santana tem a minha alma, é disto que o livro trata e está a acontecer na vida real, é claro que não falei disto, iam crucificar-me de troça, mas foi o que ficou a martelar-me na cabeça, ele algum dia havia de aparecer, e vai ficar atônito quando souber que um outro sujeito escreveu o livro dele como ele escreveu o de outro sujeito, como irá lidar com isto, com espanto, com aceitação, com repúdio, mas agora é fácil conhecê-lo, vai ser bom conhecê-lo, vai ser são quase sete da manhã, abraço-me ao Hugo que começa a mexer-se, a ver as horas no relógio luminoso, a decidir que vale a pena dormir até às tantas, a enrolar-se de novo, e eu nele, e adormeço. (LOBATO DE FARIA, 2007, p. 25)

Ainda que nomeado Basílio Santana, esse duplo não aparece concretamente na obra, mas serve de estopim para contínuas reminiscências a Teófilo, pois parece atender bem a expectativa de resposta a suas aflições, como a pessoa que vive verdadeiramente a sua vida, duplicada para além do próprio Basílio, pois duplicada com suas sombras, seu lado obscuro, sua incapacidade de revelar-se na verdade de si.

Ou seja, o inquietante (*Das Unheimliche*) é justamente percebido na intermediação com o duplo (*Der Doppelgänger*), embora o primeiro seja justa e familiarmente estranho, e confortável em sua própria presença, visto que, ainda que repudiável, não passa de um sintoma situacional que busca projetar sua divisão interna, de uma vida dupla – bastante comuns nos padrões duplos de uma vida homossexual configurada entre a continuidade ou a saída do armário.

Rank (2013 [1914], p. 37) reforça nossa conjectura, quando afirma que o duplo, acompanhado do medo do confronto, é “o sintoma mais evidente desse estado psíquico [e] parece ser um forte senso de culpa que obriga o herói a não assumir a responsabilidade de certos atos do seu ego, mas sim transferi-la a um outro Eu, um duplo [...]”.

Entretanto, cabe salientar que a homossexualidade, demarcada pelas datas originais de nossos dois principais articuladores teóricos da psicanálise do desabrochar do século XX, está cercada de noções de neurose narcísicas que nos indicam uma maior preocupação em sublimá-la, talvez mais em voga à época. O desafio de considerar as contribuições de Freud e Rank está em situá-los historicamente, sem deixar de perceber que, de modo geral, o duplo e o inquietante podem ser vistos em Teófilo, sem que ele se diferencie de outro herói literário heterossexual que seja, sobretudo por não se encaixar na etiologia homossexual da paranoia persecutória de defesa ao objeto inicialmente mais amado (pela mãe) vertido em amor à própria imagem (da mãe), nem por ser menos ou igualmente perverso como qualquer sujeito sexuado contemporâneo.

Sua angústia se direciona mais a um estado de consciência, que o distancia do Eu-ideal e se culpabiliza, sem perder sua perspectiva neurótica e narcísica, mas em conflito com o próprio imperativo de autoafirmação, de encontro com o desejo, diante de imprevisibilidades.

Por fim, e principalmente, ao reagir de maneira bastante autoconfiante ao descobrir que Basílio Santana foi invenção de sua noiva, tão infeliz e fingida quanto o próprio Teófilo, com o propósito de vingança pela indiferença no relacionamento, ele supera o episódio e descobre, após ser atropelado por uma moto, que o cuidado de si passa pelo reconhecimento de suas próprias projeções junto aos outros e dos outros para com ele. Assim, sua autonomia será sempre múltipla, ou plena de dubiedades, afinal, é de linguagem de sua carreira e sua vida se sustentam – a escrever para dizer o que nem sabia.

As epígrafes que ilustram a apresentação desta proposta de trabalho são bastante estratégicas no que concerne ao método de leitura que se considerou para a interpretação de *A alma trocada*. Valendo-se de uma antinomia que se estabeleceu em Platão (2007) sobre a beleza e as faculdades da alma, donde se via uma presença erótica (*eros*) da amizade

masculina e dos desejos (*philia*), e que fora resgatada, com inevitável salto histórico e contextual, por Foucault (2006) em sua genealogia dos mecanismos de discurso e da iminência do governo de si para a vida e para a relação com os outros na hermenêutica do sujeito (*ascese*), percebe-se na vida de Teófilo uma fuga e uma inconstância representativas da homossexualidade do protagonista com seus questionamentos pessoais imbricados de antagonismos.

A homossexualidade e sua autonomia erótica ascética se dá, na contemporaneidade, em uma confluência de elementos de prazer, em que a ordem do estranho se ressignifica e a do duplo se pulveriza virtualmente, diante de um reforço ao que Maffesoli (2009, 2010) designa por “socialidade”, via imagens e prazeres. O desejo, nesses moldes, se expande ainda mais, e cria uma abertura para a necessidade de fazê-lo evidente, a ir e vir pelas decifrações da linguagem e do inconsciente.

Se atendo a esses *insights* que padecem a alma do protagonista e possibilitam a hipótese de arbitrária troca divina em oposição a sua autonomia como sujeito, entendemos não apenas a estrutura literária da narrativa, mas também a realidade que ela evoca, a partir das descrições, relações interpessoais e pensamentos de Teófilo.

Essas conexões evidenciadas no texto serão apreendidas a partir da análise da prosa e seus princípios (MOISÉS, 2007), com passagem ao que contribui esta prosa mesma ao universo da abstração que reside nas memórias e no simbólico que retroalimenta o cotidiano e a realidade da escrita de si (MIGNOLO, 2003; FOUCAULT, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bem além da trajetória do protagonista do romance, a homossexualidade como tema e problemática vem se tornando frequente na literatura portuguesa contemporânea (PITTA, 2003). A autora Rosa Lobato de Faria, inserida na qualidade de romancista de um lugar-comum na tradição derradeira do século XX, compartilha dessa sensibilidade qualificada em descrever tais labirintos da homossexualidade. Como destacaria Bourdieu (2012) acerca da potencial similitude homossexual masculina para com a intuição feminina, e vice-versa, já que envolvidos na heteronorma, Lobato de Faria trata do drama que envolve os egos e os conflitos de si neste viés sensível, subtraindo-o de um quadro de opressões androcêntricas, e se expressando de tal maneira que se pode inferir autoridade a ela em apropriar-se do tema da homossexualidade, retratando-o com tamanho zelo e sem incoerências. Isto é, ser mulher e

escrever a homossexualidade masculina não constitui um obstáculo intransponível na fidelidade de representação, mas uma característica diferencial da experiência narrativa.

Apreciada pelos lusos por seu ecletismo artístico como cancionista, poetisa, guionista, contista e atriz, a escrita de Rosa Lobato de Faria se funde à sua carreira diversificada como arauto de uma geração moderna e privilegiada da cultura lisboeta. No que se assemelha ao Brasil, na distinta medida da centralidade no drama e no romance por meio das novelas, a homossexualidade vem sendo produto da exploração inspirativa de teledramaturgos de perfil similar ao de Lobato de Faria sobre as problemáticas da sociedade, e também vêm roteirizando histórias de descoberta, bem como da contrapartida resistência simbólica à visibilidade dos LGBT em suas tramas. Assim, pela relevante inserção no campo das letras, dentre outros “desde cientistas sociais aos de direito, passando pelos médicos e psicólogos, até os profissionais da comunicação social” (QUINTAS, 2008, p. 3), das temáticas homo/gay/queer na contemporaneidade de Portugal, Rosa Lobato de Faria e *A alma trocada* se mostram também como um satisfatório recorte de pesquisa para os estudos junto ao objeto literário lusitano, podendo este ensaio *in memoriam* contribuir igualmente a tais desígnios.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 13-67.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. Nova Iorque: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

FERRARI, Anderson. Quem sou eu? Que lugar ocupo?: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. In: FOUCAULT, Michel. *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 348-353. (Ditos e Escritos, VI)

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992. (Coleção Passagens)
- FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, política e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 192-217. (Ditos e Escritos, V)
- FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Rio de Janeiro: Imago, [1919] 1996. p. 273-318. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v. XVII)
- LOBATO DE FARIA, Rosa. *A alma trocada*. Lisboa: Edições Asa, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. *O mistério das conjunções*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- PITTA, Eduardo. *Fractura: a condição homossexual na literatura portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.
- PLATÃO. *Fedro, Cartas, O primeiro Alcibíades*. Belém: EdUFPA, 2007.
- QUINTAS, Pedro Manuel Pereira. Introdução. In: QUINTAS, Pedro Manuel Pereira. Heteronormatividade no contexto dos cuidados da saúde: atitudes dos profissionais de enfermagem em razão da orientação sexual do utente. 2008. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Bioética, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto/Lisboa, 2008. p. 1-11.
- RANK, Otto. *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense, [1914] 2013.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.
- ROUDINESCO, Élisabeth. *Our dark side: a history of perversion*. Cambridge: Polity Press, 2009.
- SOUSA FILHO, Alipio. A política do conceito: subversiva ou conservadora? crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. *Bagoas*, Natal, v. 3, n. 4, p. 59-78, 2009.
- SOUSA FILHO, Alipio. The ideology of compulsory heterosexuality and the abiding pathologization of homosexuality: is it possible to have authentic recognition without the concepts of freedom and choice? *LES Online*, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 38-44, 2014.